

O TREM *da* HISTÓRIA

Boletim Informativo do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto - Setembro/2011

Edição Especial

ÁRVORE DOS ENFORCADOS: LEGADO HISTÓRICO DE ARAXÁ



ÁRVORE IMUNE DE
DECRETO 451, 21 DE SE
ESPECIFICAÇÃO
ME HISTÓRICO E TUR
ÁRVORE DOS ENFORCAD
ME VULGAR: BAIÃO DE

COMO UM PAU DE ÓLEO PASSOU
A SER SÍMBOLO DE LIBERDADE.
PÁG. 06

ÁRVORE
ENFORCADA
do em 07 de ou
decreto municio

POR QUE A ÁRVORE
TORNOU-SE "BEM DE VALOR
HISTÓRICO" . PÁG. 07

ÁRVORE DOS ENFORCADOS: PATRIMÔNIO CULTURAL DE ARAXÁ. PÁG. 10

Editorial

A Fundação Cultural Calmon Barreto entrega, neste momento, ao público estudantil de Araxá uma edição especial do Boletim Informativo da FCCB. **Árvore dos Enforcados: Legado Histórico de Araxá** traz em seu bojo pesquisas sobre a história deste bem cultural. Para isso o Boletim dedica-se de forma integral a apresentar a memória e a importância da comunidade negra para o Brasil, Minas Gerais e Araxá, por meio de um símbolo de resistência.

A polêmica em torno da árvore despertou-nos para a necessidade de se registrar e divulgar este **Símbolo de Liberdade** bem como a **Força do trabalho Escravo na construção do Brasil** incentivando a reflexão sobre os movimentos de resistência e de luta pela liberdade.

Quando se trata de resistência, não poderíamos deixar de mencionar a forma de luta que os negros encontraram. **O Quilombo do Ambrósio**, considerado o segundo mais importante do Brasil, nasceu em território que pertenceu a Araxá e hoje corresponde aos municípios de Ibiá e de Campos Altos.

Do **Monólogo do Enforcado** ao **Bem de Valor Histórico** este informativo busca inteirar os araxaenses sobre o valor de se preservar os bens culturais.

Hoje, diante do fim do ciclo de vida desta árvore, queremos resguardar a sua memória como um **Legado Histórico**.

Walter Ogawa Silva
Presidente

O TREM DA HISTÓRIA FICHA TÉCNICA



Prefeito Municipal
Jeová Moreira da Costa

Presidente
Walter Ogawa Silva

Pesquisa e Texto
Maria Trindade Coutinho R. Goulart
Keyla Barbosa Machado

Colaboração
Maria de Lourdes Ribeiro Gaspar

Revisão: **Antônia Verçosa**

Capa
Árvore dos Enforcados após passar pelo processo de Revitalização, em 2010.
Arquivo FCCB.

Editoração Gráfica
Gráfica Aline - 3231-1500
Uberlândia-MG

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO
PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - CENTRO
CEP: 38.183-218 – ARAXÁ – MG
FONES: (34) 3691-7091/7092/7093
E-MAILS: cultura@araxa.mg.gov.br
fccb.araxa@gmail.com

Curiosidade

Nome científico: *Copaifera langsdorffii*. **Nome comum:** copaíba, copaíba vermelha, bálsamo, oleiro, copaíba da várzea (AM), copaibeira de Minas, pau d'óleo (MG). **Família:** Fabaceae - Caesalpinoideae. Espécie secundária, pode atingir alturas de 10-15 m, com tronco de 50-80 cm de diâmetro, de copa globosa densa. Madeira moderadamente pesada, de superfície lustrosa e lisa ao tato, medianamente resistente, empena durante a secagem, muito durável em condições naturais, com cerne e alburno diferenciados. Sua madeira é indicada para a construção civil, como vigas, caibros, ripas, batente de portas e janelas, cabos de ferramentas e de vassouras, carrocerias, tábuas para assoalhos, etc. Fornece também o bálsamo ou óleo de copaíba, um líquido transparente e terapêutico, que é a seiva extraída quando se faz furos no tronco até atingir o cerne. A árvore oferece ótima sombra e pode ser empregada na arborização rural e urbana. Também é útil para plantios em áreas degradadas e de preservação permanente.

UM SÍMBOLO DE LIBERDADE

Em 1965, ano do centenário de emancipação política de Araxá, a educadora Leonilda S. Montandon lançou o livro "Vamos conhecer Araxá" como uma das inúmeras comemorações que a cidade ganhou naquele ano. Esta publicação foi destinada aos alunos do curso primário e serviu para preencher as lacunas, até então existentes, das disciplinas História e Geografia

sobre o município de Araxá.

Nesta obra está inserido o Monólogo do Enforcado, lenda escrita por Heitor Gentil Montandon, que faz referência pela primeira vez, à Árvore dos Enforcados. Este monólogo foi escrito a partir de informações obtidas através da tradição oral e, ao entrar para o mundo literário, tornou-se o símbolo da raça negra em Araxá.

MONÓLOGO DO ENFORCADO

Somos enforcados. Em Coromandel, num acesso de fúria, matamos a facadas nosso dono. Não queríamos isso. A princípio, pensamos apenas em defender-nos e assustá-lo, para que ele não nos matasse a porretadas. Mas, quando o senhor viu nossa reação, ficou indignado e disse que nos mataria a pancadas, como se mata cachorro danado.

Depois, trouxeram-nos para Araxá, amarrados e vigiados todo o tempo. Batiam-nos sempre, xingavam-nos de todo nome ruim que conheciam e diziam que muitas vezes iríamos nos arrepender de ter nascido. Brancos sonsos, como se nós tivéssemos escolhido semelhante modo de vida...

Houve o júri. Dizem que era estreia. Todo mundo foi assistir. O Promotor falou muito, o Advogado da Defesa quase nada. Não adiantava. Todos sabiam qual seria o resultado. Menos nós, que ainda tínhamos alguma esperança.

Quando o Juiz leu a sentença, eu senti um fogo subir da boca do meu estômago, as pernas ficaram bambas e tive vontade de chorar, mas as lágrimas não saíam.

Não queriam perder tempo, e quando terminaram o júri a forca já estava pronta. Fomos para lá e a multidão nos seguiu. Alguns nos atiravam pedras, outros nos cuspiam no rosto, quiseram agarrar-me pelos cabelos, mas carapinha de preto não tem jeito de agarrar.

Houve até discurso, quando já estávamos no alto do morro. Meu irmão foi primeiro, eu por último. No momento em que o carrasco me passou a corda no pescoço, a Mamãe do Céu me abençoou. Todo pavor que eu sentia, todo cansaço da longa cami-

nhada, toda dor do corpo maltratado, da boca sangrando, do olho rasgado, da fome de três dias sem comer, tudo sumiu.

A Mamãe do Céu me fez entender que naquela hora eu recebia minha carta de alforria. Era para sempre um homem livre.

No alto do morro, dois corpos balançavam pendurados na forca. Uma pequena multidão assiste ao carrasco descer os negros enforcados e cortar-lhes a cabeça.

A Vila está em festas, pela inauguração do júri e da forca. Entendiam que escravo era uma coisa e não podia ser tratado como pessoa. Assim, se os pretos tiveram coragem de matar a facadas seu próprio dono, deviam morrer como animais, para que nenhum escravo se atrevesse a tanto.

Era o que a Vila entendia por justiça. No alto de Santa Rita, tudo agora é silêncio. Todos se retiraram e a noite cobriu a forca com seu imenso véu negro. No chão de pedras e capim, as grandes manchas de sangue dos pretos ficaram como único sinal do que se passou.

A Vila adormece. Na senzala, os escravos cochichavam, apavorados, o drama que os obrigaram a presenciar. Alguns choram, outros fazem o sinal da cruz. O vento passa entre as folhas da árvore gigantesca no alto de Santa Rita, produzindo um longo gemido, como se a própria natureza chorasse os erros dos homens.

MONTANDON, Heitor Gentil. Monólogo do Enforcado. In: MONTANDON, Leonilda Scarpellini. **Vamos Conhecer Araxá**. Ed. Foton, 1987, cap. VIII, p. 29 e 30.



Árvore dos Enforcados. Arquivo 00059/SAPP/FCCB.

No cenário mundial, a década de 1960 foi marcada pela luta pacífica dos negros norte-americanos contra a segregação racial.

Contudo, antes disso, já em 1939, o fotógrafo Octávio Fonseca registra a imagem da Árvore dos Enforcados. De acordo com a lenda, ela "abriga histórias que, transmitidas há várias gerações, remetem à luta dos negros do passado contra a opressão sofrida" (LIMA, 1999, p. 29).

Para entendermos os motivos que levaram a população negra a integrar a sua historicidade ao ícone "vivo" da cidade — Árvore dos Enforcados — apresentamos a seguir a história e a importância da comunidade negra para o país, para a região de Minas Gerais e para a cidade de Araxá.

A FORÇA DO TRABALHO ESCRAVO NA CONSTRUÇÃO DO BRASIL

A partir do povoamento do Brasil até o século XIX, a economia brasileira estava alicerçada no trabalho escravo. Os escravos eram avaliados como mercadoria e como bem móvel. O valor de cada um variava de acordo com a especialização (caso a possuísse) e com as condições de saúde, idade, sexo e habi-

lidade para o trabalho.

Os escravos mantiveram participação significativa na economia brasileira, em que pese o fato de o negro apresentar a diversidade e a qualidade dos ofícios que ele oferecia, a riqueza de suas tradições e os costumes que adicionaram uma gama de conhecimentos à

cultura brasileira. Embora reunindo esse plantel de valores agregados para manifestar o seu potencial, isto não bastou para que derrubasse os estigmas de atraso, inferioridade racial, mau caráter, etc. Ao negro condicionou-se apenas a valorização pela sua capacidade de trabalho, especialmente braçal.

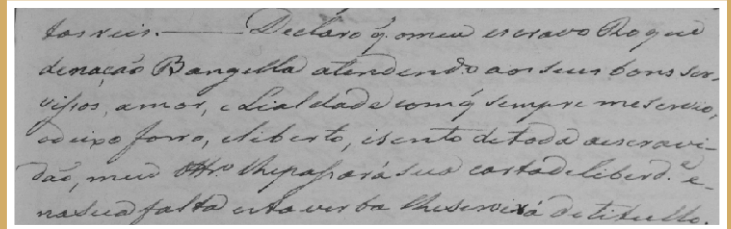
O SIGNIFICADO DE POSSUIR ESCRAVOS

Em Minas Gerais, durante o século XIX, houve uma decadência vultosa da mineração, desdobrando-se num sistema pouco complexo, com baixíssima produtividade, voltado para a subsistência.

Essa desagregação do sistema mineratório teria sido responsável por um acúmulo de escravos ociosos que foram escoados para as regiões cafeeiras. Esse processo fez com que a agropecuária de subsistência se expandisse por toda a capitania/província mineira, tornando-se a principal atividade econômica desenvolvida.

Durante a colônia, o número de escravos superava o da população branca. Naquela ocasião, qualquer pessoa que fizesse suas economias almejava comprar um escravo, pois isso lhe conferia a titularidade de prestígio e os que não o possuíam eram considerados pobres.

TRANSCRIÇÃO:



“Declaro q. o meu escravo Roque denação Bangella atendendo ao seus bons servissos, amor, e Lialdade com q sempre me servio, odeixo forro, liberto, isento de toda aescravidão, meu ttro lhepassará sua carta deliberd.e e nasua falta esta verba lhe servirá de tittulo.”

Trecho do Inventário de Joaquim José Cardoso declarando que deixará liberto o escravo Roque. 1839, Caixa 36. Arquivo do Poder Judiciário sob a guarda da FCCB.

QUILOMBOS: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Os negros se sentiam subestimados em razão da condição que ocupavam e, por isso, organizavam fugas, roubos, revoltas e formavam os quilombos. Estes eram formados por um grupo de escravos fugidos que lutavam, prioritariamente pela sobrevivência, haja vista a incessante batalha contra a opressão. Procuravam o seu

sustento através da agricultura, do comércio clandestino e dos saques.

O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Muitas vezes ele surpreende pela capacidade de organização e pela resistência que

oferece. Destruído parcialmente dezenas de vezes, novamente aparece em outros locais, plantando a sua roça, construindo as suas casas, reorganizando a sua vida, estabelecendo novos sistemas de defesa. O quilombo era a reação organizada de combate contra a forma de trabalho imposta pelos senhores, donos das fazendas.



“Quilombo em Guerra”, obra de Calmon Barreto em gesso patinado, baixo relevo. 0,30 X 0,42. Acervo Museu Calmon Barreto.

O QUILOMBO DO AMBRÓSIO: UM SONHO DE LIBERDADE

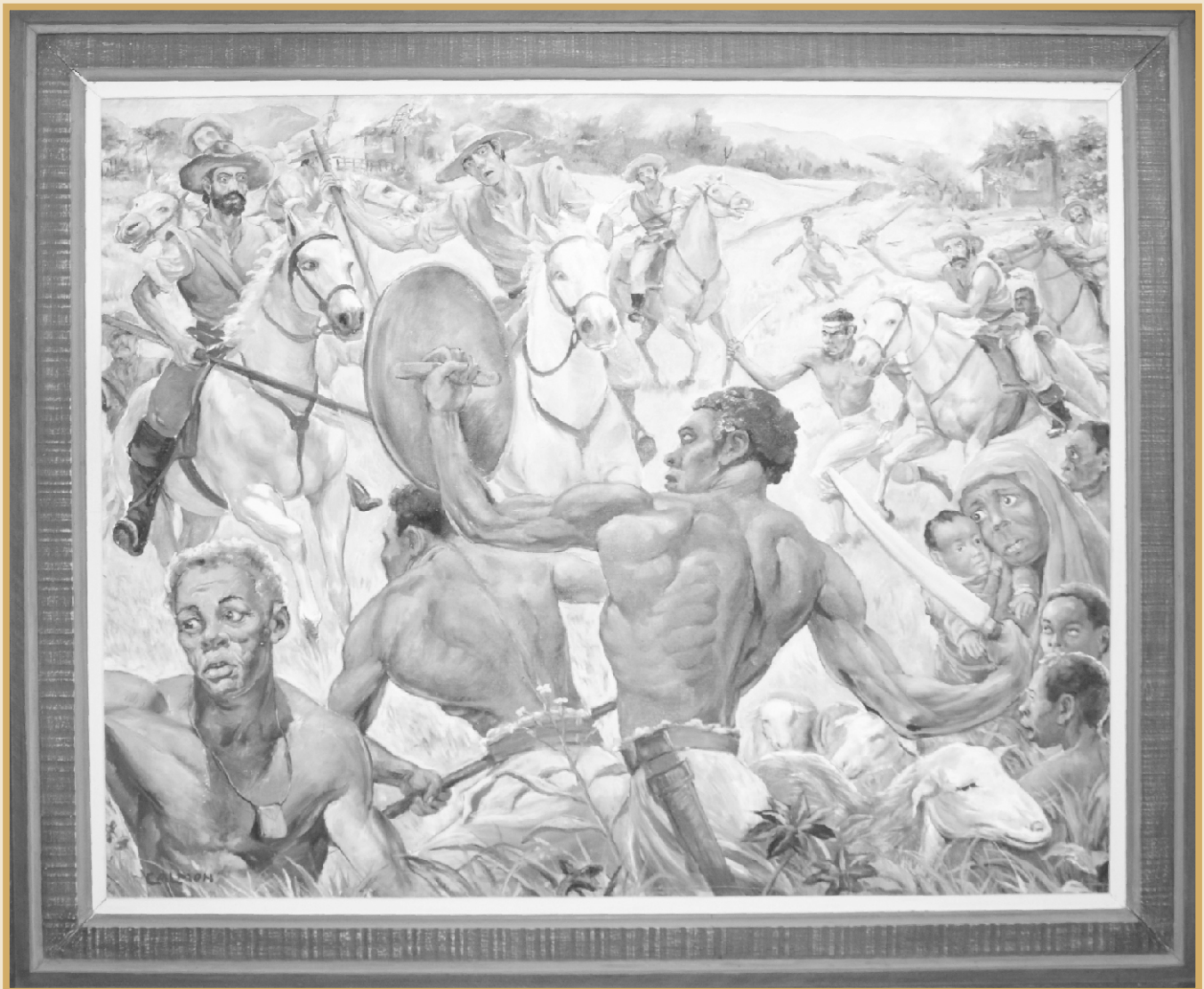
A existência do Quilombo do Ambrósio (também conhecido como Quilombo do Tongo-Tongo) é forma exemplar de como os escravos negros não resistiram passivamente ao escravismo nessa região. Esse quilombo nasceu em território que já pertenceu a Araxá (hoje, corresponde aos municípios de Ibiá e Campos Altos) e seu sítio arqueológico, especificamente, está localizado em Ibiá.

Lá se encontram, ainda, as ruínas das obras de defesa e das casas. Nos pontos vulneráveis, o quilombo era defendido por valas e trincheiras. A mais de dois quilômetros do quilombo, ficava um morro pontiagudo, utilizado para sede dos espíões e chamado "Alto do Espia". Pelo aviso do espia, preparavam-se os assaltos a viajantes e a defesa contra a força que pretendia exterminá-los.

"Uma equipe de pesquisadores da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) liderada pelo historiador e arqueólogo Carlos Magno Guimarães desenvolveu uma pesquisa sobre essa comunidade negra, buscando reconstituir historicamente a sua dinâmica social interna. Descobertas preciosas já surgiram desse estudo

arqueológico, como por exemplo: o formato e o tamanho das construções erguidas e sua distribuição, a divisão espacial do trabalho e a identificação de vegetais usados como alimentos (milho, feijão, mandioca e café) e como recipientes (cabaça). As pesquisas arqueológicas revelaram a fabricação de potes, panelas de barro e cachimbos, sendo que os últimos confirmam o cultivo e o consumo de tabaco pelos quilombolas. Foi detectada uma camada de carvões (em vários pontos do local) que mostram, conforme o historiador citado, que o quilombo foi destruído por incêndio. Houve mortes e fugas por parte dos escravos e capturas por parte das autoridades coloniais mineiras. Segundo Carlos Magno Guimarães o número de integrantes deste quilombo estava, provavelmente, entre 600 e 1000 pessoas (índice considerado alto para a época) e a sua destruição aconteceu em 1746, após mais de 20 anos de resistência" (LIMA, 1999, p. 31).

O Quilombo do Ambrósio é considerado o segundo mais importante do Brasil, sendo o primeiro o Quilombo dos Palmares, cujo chefe foi o guerreiro Zumbi.



O artista plástico araxaense Calmon Barreto reproduziu o "Extermínio do Tongo-Tongo" em OST. 1,32 X 1,66. Acervo Museu Calmon Barreto.

OS INTERESSES POR TRÁS DOS DOCUMENTOS LEGAIS DE LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

A História comumente divulgada nos livros didáticos aponta os interesses econômicos da Inglaterra sobre a Abolição da Escravatura. Entretanto novos estudos mostram que os motivos da pressão inglesa pelo fim do tráfico atlântico de escravos se deram muito mais por uma questão ideológica do que econômica. Há registros de que o movimento abolicionista inglês iniciou-se em "(...) 1787 por 22 religiosos ingleses, foi um dos primeiros movimentos populares bem sucedidos da história moderna, um molde para as lutas sociais do século 19" (NARLOCH, 2009, p. 93).

Mudanças institucionais e de grande complexidade ocorreram em relação aos escravos tais como: a assinatura do tratado abolicionista (1826) e que pouca repercussão ocasionou, a extinção do tráfico atlântico (1850), a Lei do Ventre Livre (1871), os impostos proibitivos (1881) e a Lei dos Sexagenários (1885).

Em 1831 criou-se uma Lei determinando que os negros que entrassem no Brasil seriam livres e prevendo multas e punições àqueles que os importassem. Contudo, os particulares e o próprio governo poderiam arrendar ou arrematar os serviços destes "africanos livres", como passaram a ser designados.

No ano de 1853 criaram um decreto que tinha como regimento emancipar os africanos livres após 14 anos de

serviços. Essas leis, na verdade, nunca foram aplicadas.

Já em 1871 criou-se a Lei do Ventre Livre que previa que os filhos de escravos, nascidos após sua publicação, seriam considerados livres.

E finalmente, a 13 de maio de 1888, foi publicada a Lei Áurea, que extinguiu formalmente a escravidão no Brasil, com apenas 2 (dois) artigos:

Art. 1º - É declarada extinta a escravidão no Brasil;

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Portanto esta Lei não foi capaz de devolver ao antigo escravo sua cidadania, a igualdade de direitos e condições junto aos brancos e sua dignidade como ser humano. É importante lembrar que ela foi assinada pela princesa Isabel, na ausência de seu pai, o rei D. Pedro II, devido às pressões sofridas, tanto nacional quanto internacionalmente. Segundo Del Priore a princesa Isabel apenas consolidou o que já era iminente.

"Os negros brasileiros deixaram a escravidão individual e foram transferidos para a escravidão social, para a escravidão econômica e para a escravidão política. Devido ao abandono em que foram relegados, nossos irmãos negros não conseguiram ser educados para competir nos empregos e nas posições sociais. Não tiveram acesso à propriedade nem aos meios de produção" (JORNAL DAS GERAES, 1988, p. 8).

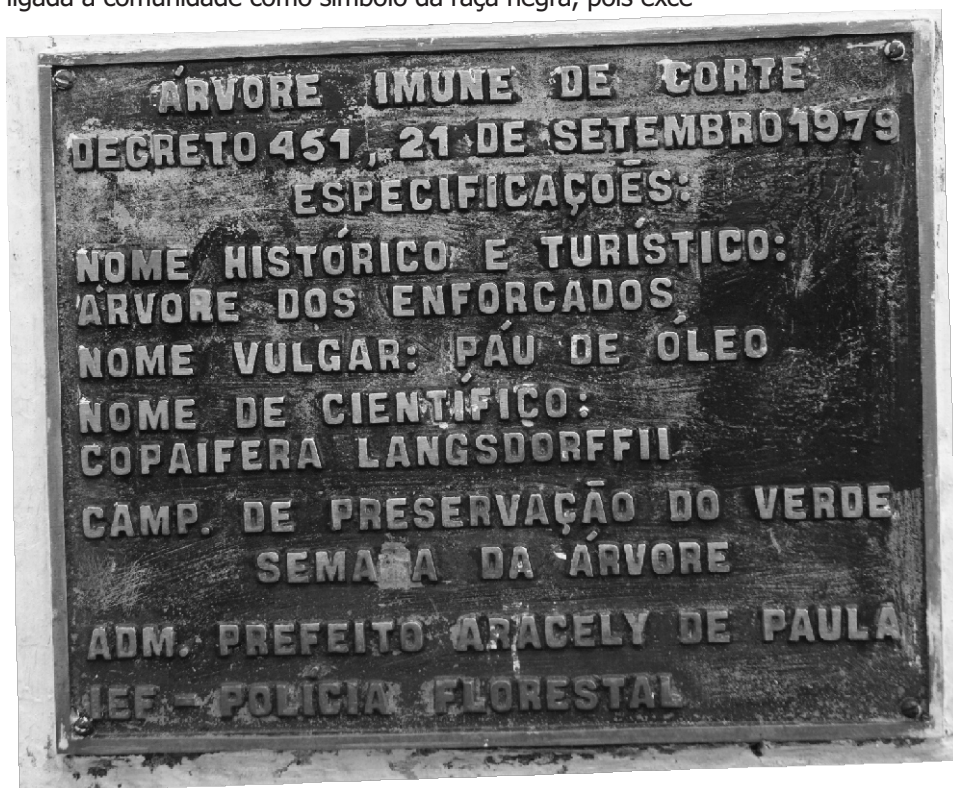
COMO UM PAU DE ÓLEO PASSOU A SER SÍMBOLO DE LIBERDADE

Durante o período de 1965 a 1979 a árvore, conhecida popularmente como pau de óleo, passou a ser *afetivamente* ligada à comunidade como símbolo da raça negra, pois exce-

deu os limites do seu espaço físico e cuja culminância se deu no dia 21 de setembro de 1979 (Dia da Árvore), através do Decreto Municipal N.º 451 em que foi declarada imune de corte.

Em Araxá, várias atividades foram preparadas para comemorar o centenário da abolição da escravatura, dentre elas a criação do Conselho de Integração e Participação da Comunidade Afro-brasileira de Araxá, em 08 de abril de 1988. Foi uma iniciativa de entidades araxaenses ligadas à divulgação e preservação da cultura afro-brasileira.

"Chegou o tempo de tanto sangue ser semente, de tanta semente germinar. Está sendo longa a espera. Da morte de Zumbi até nós são decorridos já quase três séculos, mas a terra conservou o sangue de nossos mártires. Este sangue fala e clama e seu clamor começa a ser ouvido. Primeiro por nós, negros, que estamos recuperando nossa identidade e começando a nos orgulhar do que somos e do que foram nossos antepassados. Tomar consciência do problema de negros que gostariam de ser ou ao menos de parecer brancos e de brancos que negam que haja racismo no Brasil já é um passo importante nessa caminhada" (JORNAL DAS GERAES, 1988, p. 8).



Placa em que a Árvore dos Enforcados é declarada "imune de corte".
Arquivo SAPP/FCCB. 2011.

O POVO EM DEFESA DA ÁRVORE

Em 1990 o Jornal das Geraes noticiou: "A Árvore dos Enforcados está abandonada". Moradores reclamavam do estado lamentável de sujeira e de verdadeiro abandono em que ela se encontrava. Por ser ponto turístico, mereceria maiores cuidados, como a construção de uma praça e a contratação de um jardineiro para tomar conta.

A matéria fazia as seguintes considerações: "(...)De qualquer forma a árvore dos enforcados é um elemento vivo no contexto histórico de Araxá, e pode ser vista com um símbolo da imaturidade humana, que ainda tenta subir nos degraus da evolução e do aperfeiçoamento de sentimentos mais nobres. Ela esteve ali o tempo todo, desenvolveu seus frondosos e insinuantes galhos, acompanhando a comunidade araxaense desde tempos remotos até o seu crescimento surpreendente nos dias de hoje. É uma das filhas naturais de Araxá, e soube preservar com grande sabedoria e silêncio, as lições mais profundas da natureza e, conserva toda a sua beleza de um ser extremamente necessário para a sobrevivência do homem, e principalmente para os araxaenses, essa árvore significa um

patrimônio histórico que o tempo não tocou (...)" (JORNAL DAS GERAES, 1990, p. 5).

Contudo, no ano seguinte o mesmo jornal trazia a manchete: "A Árvore dos Enforcados está doente" e os dizeres: "Restaurar e proteger seus patrimônios históricos, esta é uma das maiores responsabilidades do povo araxaense, em tributo à sua memória e em respeito à posteridade. Assim dizendo, a conscientização deve ser abrangente e absoluta voltando-se para casos tais como a Árvore dos Enforcados, que está doente e pode morrer por uma moléstia chamada 'broca'. No resgate ao que se pode chamar de 'vocalização turística' os patrimônios que contam o desenrolar da história, são parte integrante desta personalidade que fortalece Araxá como cidade que tem belezas e artes para mostrar" (JORNAL DAS GERAES, 1991, p. 12).

A Assessoria de Planejamento e Meio Ambiente do município foi contatada para sanar o problema e informou que providências estavam sendo tomadas. Isto é, aguardava dos técnicos de Belo Horizonte a composição de uma pasta especial que seria utilizada como "obturaçãõ odontológica" para curar a Árvore dos Enforcados.

POR QUE A ÁRVORE TORNOU-SE "BEM DE VALOR HISTÓRICO"

"Nos últimos tempos o avanço da atuação dos movimentos negros reacendeu o debate sobre a celebração de datas significativas para a cultura afro-brasileira. Antes, as ações limitavam-se ao 13 de maio consagrado como o dia da Abolição da Escravidão. As conquistas alcançadas pelos grupos negros, articulados, apontaram a necessidade de discutir a questão racial como elemento presente no cotidiano do Brasil. Partiu-se, então, para realizar

atividades com este tema, em 20 de novembro, data da morte de Zumbi, o líder negro responsável pelo Quilombo dos Palmares. A data, oficializada como Dia Nacional da Consciência Negra, foi, depois, ampliada espontaneamente. Passou a ser vivida durante um mês inteiro, como forma de oportunizar discussões e reflexões sobre a postura de todos os brasileiros diante da condição das comunidades negras atuais. Em Araxá, uma lei municipal instituiu,

em 1995, o 'Dia Municipal da Consciência Negra', a ser comemorado em todo 20 de novembro". (FCCB, 2002, p. 6).

Estas duas datas significativas — 13 de maio e 20 de novembro — a comunidade negra as celebra com apresentações de Congado, Moçambique, Capoeira, Dança Afro e outras, visando a preservar, valorizar e difundir a história da raça negra em Araxá e região.



Grupo de Capoeira Cordão de Ouro. Festa da Cultura Afro no Cine-teatro Brasil. Arquivo SAPP/FCCB. Maio/2001.



Festa Afro-brasileira realizada no Centro Cultural do Sesc. Arquivo SAPP/FCCB. 17/05/2002.



*Festa Afro-brasileira realizada no Centro Cultural do Sesc.
Arquivo SAPP/FCCB. 17/05/2002.*



*I Encontro de Congado e Moçambique realizado no pátio da
Fundação Cultural Calmon Barreto.
Arquivo SAPP/FCCB. 13/10/2002.*



*I Encontro de Congado e Moçambique realizado no pátio da
Fundação Cultural Calmon Barreto.
Arquivo 03567/SAPP/FCCB. 13/10/2002.*



*Exemplo e Raça. Homenagem à raça negra realizado no
Cine-teatro Brasil. Arquivo SAPP/FCCB. 19/05/2003.*



*Placa de identificação da "Árvore dos Enforcados" como Bem Tombado.
Arquivo SAPP/FCCB. 2009.*

Em 07 de outubro de 1998, através do Decreto Municipal N.º 588, a Árvore dos Enforcados foi tombada e inscrita no Livro de Tombo dos "bens de valor histórico e as obras de arte histórica".

O CENTRO DE REFERÊNCIA DA CULTURA NEGRA

Após longos anos de estudo, diversos trabalhos de suma importância foram desenvolvidos até chegarem à conclusão de que o processo educacional é base primordial na luta pela

defesa da comunidade negra. Por isso, buscam a formação do cidadão para valorizar a raça, oferecendo condições para que eles se qualifiquem e ingressem no mercado de trabalho.



Centro de Referência da Cultura Negra. Arquivo 05368/SAPP/FCCB. 2005.

A criação de um espaço apropriado para as atividades da cultura afro e para a realização de cursos profissionalizantes culminou com a inauguração do Centro de Referência da Cultura Negra, em 30 de maio de 2004. O local escolhido foi ao lado da Árvore dos Enforcados, símbolo da luta dos negros pelos seus direitos e, hoje, transformado em ponto turístico e referência para a comunidade negra.

Nas paredes da sala de entrada encontra-

mos painéis alusivos à história da cultura negra e em outra sala estão expostos objetos e fotos com biografias de cidadãos negros que tiveram evidência em suas atividades profissionais.

Araxá se destaca no cenário cultural por valorizar a cultura negra e demonstrar, através de ações interligadas ao poder público, que saber fazer e despertar sonhos é realizar concretamente o futuro de luminosidade que sempre está por vir.



Inculturação da Liturgia da Missa realizado no pátio da Fundação Cultural Calmon Barreto. Arquivo SAPP/FCCB. 16/05/2005.



Dança-afro no Cine-teatro Brasil. Comemoração dos 2 anos de fundação do Centro de Referência da Cultura Negra. Arquivo SAPP/FCCB. 29/05/2006.

ÁRVORE DOS ENFORCADOS: PATRIMÔNIO CULTURAL DE ARAXÁ



Grupos de Congado e Moçambique, de N. Sr^a do Rosário e de São Benedito. Arquivo SAPP/FCCB. 2009.

Em 2009, por meio da Fundação Cultural Calmon Barreto, Araxá aderiu à Jornada Mineira do Patrimônio Cultural proposta pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Com a finalidade de valorizar e compartilhar a memória e o patrimônio histórico e por entender que Araxá possui um patrimônio rico que merece ser preservado e difundido, todos os onze bens tombados do município foram emplacados através da ação "Patrimônio Cultural com Música".

A identificação da Árvore dos Enforcados aconteceu dia 17 de setembro e contou com as apresentações do Grupo de Congado e Moçambique, de N. Sr.^a do Rosário e São Benedito e do Grupo de Capoeira Zumbahia.

POLÊMICAS SOBRE A ÁRVORE

Durante reunião ordinária na Câmara Municipal de Araxá, em dezembro de 2008 foi votado o Projeto de Lei N.º 205/2008 sobre mudança do nome da Árvore dos Enforcados para Árvore da Libertação. A historiadora Glaura Teixeira Nogueira Lima, que não concorda com o projeto, afirma: "a árvore já tem uma identidade

histórica. Trocar o nome dela é o mesmo que trocar o nosso nome ou o da cidade. Não podemos esquecer que os negros sofreram atrocidades e após a escravidão eles conquistaram a liberdade, mas não quer dizer que não tenham passado por esse período". Este projeto foi vetado pelo poder executivo.

NOVOS PROBLEMAS AFETAM A ÁRVORE

Como já citado anteriormente, desde o início dos anos de 1990 a árvore mostrava sinais de abandono e necessidades de maiores cuidados. Ao longo desse período ela suportou agressivas podas e enfrentou o ataque de brocas.

Visando a preservar este importante patrimônio da cidade, a Funda-

ção Cultural Calmon Barreto buscou junto ao COMPAC (Conselho Municipal de Patrimônio Cultural) em 21 de outubro de 2009, a aprovação do projeto de Revitalização da Árvore dos Enforcados com recursos oriundos do FUMPAC.

Como tentativa de recuperação da árvore, o projeto foi executado em

fevereiro de 2010. O paisagista André Luiz Honorato, da empresa Flora Urciano Ltda., efetuou os serviços de retirada de galhos secos, ervas daninhas e piso do seu entorno; combate às brocas e fungos; aeração da terra e raízes; adubação e plantio de grama; construção de passarelas para orientar o trânsito de pessoas.

Etapas da Revitalização da Árvore dos Enforcados. Arquivo SAPP/FCCB. 2010.



Em abril o Jornal Interação divulgou que a árvore mostrava sinais de recuperação – “brotos já estavam surgindo em sua copa.” Porém, apesar dos esforços em prolongar a sua vida, a imprensa noticiou, em janeiro de 2011, a sua morte.

LEGADO HISTÓRICO

A história precisa ser maior que o ciclo de vida da árvore. Ela nasceu a partir da divulgação do “Monólogo do Enforcado” e, ao longo dos anos, passou a fazer parte

da história do município, especialmente a da raça negra, e permanecerá no imaginário popular, apesar de sua morte.

Fontes e Referências:

Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.

FLORESTAS NATIVAS. **Copaíba**. Disponível em: <http://www.florestasnativas.com.br>. Acesso em: 22 jun 2011.

JORNAL O CLARIM, Araxá, n. 65, 16/05/1997, p. A5; n. 91, 14/11/1997, p. 20; n. 142, 20/11/1998, p. 03; n. 163, 23/04/1999, p. 16; n. 193, 19/11/1999, p. 05; n. 196, 10/12/1999, p. 04. Arquivo SAPP/FCCB.

JORNAL CLARIM. Araxá, n. 266, 11/05/2001, capa e p. 09; n. 293, 16/11/2001, p. 02; n. 294, 23/11/2001, p. 05; n. 506, 24/02/2006, p. B1; n. 519, 26/05/2006, p. A6; n. 524, 30/06/2006, p. A3; n. 545, 24/11/2006, p. A3; n. 707, 26/02/2010, capa e p. A8; n. 751, 14/01/2011, capa e p. B1; n. 753, 28/01/2011, p. A8. Arquivo SAPP/FCCB.

JORNAL CORREIO DE ARAXÁ, Araxá, n. 2.381, 25/11/1993, p. 06; n. 2.476, 24/11/1994, p. 07; n. 2.529, 18/11/1995, p. 16; n. 2709, 08/05/1999, p. 11; n. 2790, 02/12/2000, p. 18; n. 2791, 09/12/2000, p. 13; n. 2847, 19/01/2002, p. 02; n. 2864, 18/05/2002, p. 09; n. 2897, 04/01/2003, p. 05; n. 2916, 17/05/2003, p. 03; n. 2918, 31/05/2003, p. 04; n. 2965, 29/05/2004, p. 05; n. 3039, 19/11/2005, p. 03; n. 3087, 27/05/2006, p. 05; n. 3088, 03/06/2006, p. 03; n. 3114, 02/12/2006, p. 16; n. 3284, 27/02/2010, p. 08; n. 3.330, 15/01/2011, capa e p. 11; n. 3.334, 12/02/2011, p. 11. Arquivo SAPP/FCCB.

JORNAL DAS GERAES, Araxá, n. 211, 14/05/1988, p. 08; n. 300, 03/02/1990, p. 05; n. 352, 02/02/1991, p. 12. Arquivo SAPP/FCCB.

JORNAL INTERAÇÃO, Araxá, n. 349, 26/02/2010, p. 11; n. 357, 23/04/2010, p. 19; n. 397, 07/01/2011, capa e p. 05; n. 398, 14/01/2011, p. 14. Arquivo SAPP/FCCB.

JORNAL O PLANALTO, Araxá, n. 1.451, 20/01/2011, capa e p. 03; n. 1.452, 27/01/2011, p. 06 e 08. Arquivo SAPP/FCCB.

DIÁRIO DE ARAXÁ. **Antônio Leonardo veta projeto que altera o nome da Árvore dos Enforcados**. Disponível em: <<http://www.diariodearaxa.com.br/Noticia>>. Acesso em 11 dez. 2008.

DIÁRIO DE ARAXÁ. **Vereadores mudam nome de árvore histórica e nomeiam espaço que não existe**. Disponível em: <<http://www.diariodearaxa.com.br/Noticia>>. Acesso em 03 dez. 2008.

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO. **O Trem da História**. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 2002, n. 33, ano 12, jan.-maio, p. 06, 9 e 10.

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO. **Revista Exemplo e Raça**. Araxá: Gráfica Planeta, 2003.

HOJE EM DIA. **Morre Árvore dos Enforcados, símbolo da cultura negra**. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br>>. Acesso em 05 jan. 2011.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. **Das Águas Passadas à Terra do Sol**: ensaio sobre a história de Araxá. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999, p. 29-32.

MONTANDON, Leonilda Scarpellini. **Vamos Conhecer Araxá**. Ed. Foton, 1987, cap. VIII, p. 29 e 30.

NARLOCH, Leandro. Agradeçam aos Ingleses. In: **Guia politicamente incorreto da História do Brasil**. São Paulo: Leya, 2009, p. 69-98.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ. Wilton de Paula Borges. **Revitalização da Árvore dos Enforcados**. Disponível em: <<http://www.araxa.mg.gov.br/noticiasdetalhes>>. Acesso em 26 fev. 2010.

RANIERI, Caio. Árvore dos Enforcados recebe tratamento para ter vitalidade aumentada. **Diário Sintonia**. Araxá, março 2010. Disponível em: <<http://www.diariosintonia.com.br>>. Acesso em 02 mar 2010.

RANIERI, Caio. IEF Divulga laudo sobre a morte da Árvore dos Enforcados. **Diário Sintonia**. Araxá, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.diariosintonia.com.br>>. Acesso em 07 fev. 2011.

RANIERI, Caio. Raio pode ter matado a Árvore dos Enforcados. **Diário Sintonia**. Araxá, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.diariosintonia.com.br>>. Acesso em 04 jan. 2011.

RECANTO DAS LETRAS. **Morre Árvore de 200 anos, símbolo da cultura negra em Araxá**. Disponível em: <<http://06.jan.2011>>.

SUGESTÃO DE LEITURA:

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da História do Brasil**. São Paulo: Leya, 2009.